

pertava o enjeitadinho para rever nos seus olhos, mais uma vez, as recordações do bem amado, Cnéio Lucius acentuou:

— Depois de tantas surpresas empolgantes e de tanta fadiga, precisas descansar! Repousa o corpo dolorido que ainda terá de sustentar muitas lutas... Continua com a mesma oração e vigilância de sempre, pois Jesus não te abandonará no mar proceloso da vida!...

Então, como se um poder invencível lhe anulasse as possibilidades de resistência, Célia sentiu-se envolvida num magnetismo doce e suave. Aos poucos, deixou de ver a figura radiosa do avô, que se prostrara a seu lado qual sentinela afetuosa contra a incursão de todos os perigos... Um sono brando cerrou-lhe as pálpebras cansadas e, abraçada ao pequenito, dormiu tranquilamente até que os primeiros raios do sól penetraram na gruta anunciando o dia.

#### IV

#### DE MINTURNES Á ALEXANDRIA

Enquanto a vida familiar de Fábio Cornélio transcorria, na cidade imperial, sem acidentes dignos de menção, sigamos a filha de Helvídio Lucius na sua via dolorosa.

Levantando-se pela manhã, Célia alcançou a povoação de Fondi, em cujas cercanias uma criatura generosa acolheu-a por um dia, com ternura e bondade. Foi o bastante para se reconfortar das caminhadas ásperas e longas, porque, no dia seguinte, punha-se novamente a caminho em direção de Itri, a antiga "Urbs Mamurra-rum", aproveitando o mesmo traçado da Via Appia.

Em caminho, teve a satisfação de encontrar a carreta de Gregório, o mesmo carreiro humilde que a deixara, na ante-véspera, nas montanhas de Terracina, circunstância que lhe trouxe ao coração muita alegria. Nas dificuldades e dores do mundo, a fraternidade tem elos profundos, jamais facultados pelos gozos mundanos, sempre fugazes e transitórios.

Gregório ofereceu-lhe o mesmo lugar ao seu lado, num gesto de proteção que a jóven aceitou, considerando-o uma benção do Alto.

Desta vez, reconheceram-se como dois bons amigos de outros tempos. Falaram da paisagem e dos pequenos acidentes da viagem, rematando Gregório com uma pergunta cheia de interesse.

— Tem a senhora outros parentes além de Fondi? Não me pareceu pequeno o sacrifício em aventurar-se á uma jornada tão longa como a de ante-ontem... Como consentiram prosseguisse outra viagem a pé?

— Sim, meu amigo — respondeu buscando desviar a sua afetuosa curiosidade — meus parentes de Fondi são paupérrimos e não desejo voltar á Roma sem rever um tio enfermo, que reside em Minturnes. (1)

— Ainda bem — murmurou o generoso plebeu, satisfeito com a resposta — sendo assim, poderei levá-la hoje até o fim da sua jornada, pois vou alem das lagoas da cidade.

A marcha continuou entre as gentilezas de Gregório e os agradecimentos de Célia, que lhe apreciava a bondade, comovida.

Somente ao cair da tarde o veículo atingiu os arredores da cidade famosa.

Despedindo-se do carinhoso companheiro, a jóven cristã atentou na paisagem soberba que se desdobrava aos seus olhos. Uma formosa vegetação litoranea repon-tava dos terrenos alagadiços, num dilúvio de flores. A primeira porta da cidade estava a alguns metros e toda-via o seu amor pela natureza fê-la estacionar junto das grandes árvores do caminho. O sol em declínio enviava á tela florida os seus raios agonizantes. Dominada por grandiosos pensamentos e experimentando um novo alento de vida, com a palavra de verdade e de consolação que o avô lhe trouxera na véspera, dos confins do túmulo, começou a orar, agradecendo a Jesus as suas graças sublimes e infinitas.

No seu caricioso embevecimento, contemplou a figu-

(1) Minturnes, mais tarde passou a chamar-se Trajetta. — *Nota de Emmanuel.*

rinha mimosa que se agitava em seus braços e beijou-lhe a fronte num arroubo de espiritualidade.

Na véspera, haviam recebido a hospitalidade da natureza, mas, agora, ante as fileiras de casebres ali próximos da estrada, consultava a si propria sobre o melhor meio de recorrer á piedade alheia, contando, porém, como das outras vezes com o amparo de Jesus, que lhe forneceria a inspiração mais acertada, por intermédio dos seus lúcidos mensageiros.

Foi então que reparou numa choupana rodeada de laranjeiras, onde a vida parecia ser a mais simples e mais solitaria. Seu aspecto singelo emergia do arvoredo a duzentos metros do local em que se encontrava, mas, como que atraída por algum detalhe que não poderia definir, Célia alcançou a trilha e bateu á porta. Brilhavam no céu as primeiras estrelas.

Depois de muito chamar, sentiu que alguém se aproximava com dificuldade, para dar voltas ao ferrolho.

E não tardou tivesse diante dos olhos surpresos uma figura patriarcal e veneranda, que a acolheu com solicitude e simpatia.

Era um velho de cabelos e barbas completamente encanecidos. As cãs prateadas realçavam-lhe os nobres traços romanos, irrepreensíveis. Aparentava mais de setenta anos, mas o olhar estava cheio de ternura e de vida, como se os seus raciocínios estivessem em plenitude de maturidade. Estendendo-lhe as mãos encarquilhadas e trêmulas, Célia notou pequena cruz a pender-lhe do peito, fóra da toga descolorida e surrada.

Grandemente emocionada e compreendendo que se encontrava á frente de um velho cristão, murmurou humilde:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

— Para sempre, minha filha! — respondeu o ancião, esboçando num sorriso o júbilo que aquela saudação lhe causava. — Entrai na choupana do mísero servo do Senhor e disponde dele, vosso servo, igualmente.

A filha de Helvídio Lucius explicou, então, que se encontrava no mundo ao desamparo, cor um filhinho de poucos dias, abençoando a hora feliz de bater á porta

de um cristão, que, desde aquele instante, passaria a encarar como um mestre. Desde logo, estabeleceu-se entre ambos uma cordialidade e um afeto mútuos tão expressivos, tão puros, que pareciam radicados na Eternidade.

Ouvindo-lhe a história, o ancião de Minturnes falou-lhe com brandura e sinceridade:

— Depois de examinar a tua situação, minha filha, has de permitir te assista como um pai ou irmão mais velho, na fé e na experiência. É que, também eu tive uma filha, perdida ha pouco tempo, justamente quando vinha buscá-la para acompanhar-me no meu voluntario e bendito degredo na África... Parecia-se extraordinariamente contigo e terei grande ventura se me olhares com a mesma simpatia que me inspirastes. Ficarás nesta casa o tempo que quiseres, ou necessitares... Vivo só, após uma existência fértil de prazeres e de amarguras... Antigamente, a afeição de uma filha ainda me prendia o coração a cogitações mundanas, mas agora vivo somente da minha fé em Jesus Cristo, esperando que a sua palavra de misericordia me chame breve ao seu reino, para a verificação da minha indigencia!

Sua voz entrecortava-se de suspiros, como se os mais atrozes padecimentos íntimos lhe azorragassem o coração, ao evocar reminiscencias.

— Ha mais de um ano — continuou — aguardo oportunidade para regressar á Alexandria, mas o depelecimento físico parece advertir-me que em breve serei forçado a entregar o corpo á terra da Campânia, mau grado o desejo de morrer no pouso solitário aonde transportei o meu espírito...

Enquanto êle fazia uma pausa, a jóven aventou despreocupadamente:

— Sois romano, presumo, pelos traços inconfundíveis da vossa fisionomia patrícia.

Fitando-a bem nos olhos, como se quisesse certificar-se de toda a pureza e simplicidade dalmá da sua interlocutora, o ancião respondeu pausadamente:

— Filha, tua condição de cristã e a candidez que

se irradia de tua alma obrigam-me a maior sinceridade para contigo!...

Nesta cidade ninguem me conhece, tal como sou!... Desde o dia em que me consagrei á instituição cristã, da qual participo no Egito longinquamente, chamo-me Marinho para todos os efeitos. Dentro da nossa comunidade de homens sinceros e crentes, desprendidos dos bens materiais, fizemos voto solene de renuncia a todas as regalias efêmeras da Terra, a todas as suas alegrias, de modo a nos unirmos ao Senhor e Mestre com a compreensão clara e profunda da sua doutrina. Enquanto os déspotas do Império tramam a morte do Cristianismo supondo aniquilá-lo com o suplício dos adéptos, fóra de Roma organizam-se as forças poderosas que hão de agir no futuro, em defesa das idéias sagradas! Em todas as províncias da Ásia e da África os cristãos se articulam em sociedades pacíficas e laboriosas, e guardam os escritos preciosos dos Discípulos do Senhor e dos seus seguidores abnegados, protegendo o tesouro dos crentes para uma posteridade mais piedosa e mais feliz!...

Enquanto Célia o escutava com carinhoso interesse, o ancião de Minturnes continuava, depois de uma pausa, como que preparando o proprio pensamento para maior clareza das suas recordações.

— A outrem, filha, não poderia confiar o que te revelo esta noite, levado por um impulso do coração... Talvez meu espírito esteja acercando-se do sepulcro e o Mestre Amado queira advertir, indiretamente, a alma culpada e dolorida. Ha qualquer cousa que me compele a confessar-te o passado com as suas inquietudes e incertezas... Não poderia explicar-te o que seja... Sei, apenas, que a inocencia do teu olhar de cristã, de filha piedosa e meiga, faz-nascer-me no peito exausto os bens divinos da confiança!...

— Meu verdadeiro nome é Lésio Munácio, filho de antigos guerreiros, cujos ascendentes se notabilizaram nos feitos da República... Minha mocidade foi uma esteira longa de crimes e desvios, aos quais se entregou o meu espírito fragil, visto o desconhecimento do ensino de Jesus... Não trepidei, noutros tempos, em brandir a

espada homicida, disseminando a ruina e a morte entre os sêres mais humildes e desprezados... Auxiliei a perseguição aos núcleos do cristianismo nascente, levando mulheres indefesas ao martírio e á morte, nos dias das festas execraveis!... Ai de mim, porém!... Mal sabia que um dia ecoaria em meu íntimo a mesma voz divina e profunda que soôu para Paulo de Tarso a caminho de Damasco! Depois dessa vida aventurosa, casei-me tarde, quando as flores da juventude já se despetalavam no outono da vida! Antes não o fizesse!... Para conquistar o afeto da companheira, fui compelido a gastar o impossível, lançando mão de todos os recursos! Sem preparação espiritual, construí o lar sobre a indigencia mais triste! Em pouco tempo, uma filhinha graciosa vinha iluminar o âmago escuro das minhas reflexões sobre o destino, mas, atormentado pelas necessidades mais duras afim-de mantermos em Roma o nosso padrão de vida social, sentí que a pobre espôsa, tomada de ilusões, não beberia comigo o cálice da pobreza e da amargura! Com efeito, em breve o meu lar estava ultrajado e deserto!... O questor Flávio Hylas, abusando da amizade e da confiança que lhe dispensava, seduziu minha mulher desviando-a ostensivamente do santuário doméstico, para escarneo de minhas esperanças e de meus sofrimentos... Desejei sucumbir para furtar-me á vergonha, mas o apêgo á filhinha me advertia que êsse gesto extremo significava apenas covardia... Pensei, então, em procurar Flávio Hylas e a espôsa infiél, para trucidá-los sumariamente com um golpe de espada, mas, quando buscava realizar o sinistro intento, encontrei um velho mendigo junto ao templo de Serapis, que me estendeu a dextra dilacerada, não para implorar esmola, mas para dar-me um fragmento de pergaminho que tomei sôfrego, como se recebesse secreta mensagem de um amigo. Depois de alguns passos, reconheci com assombro que ali se achavam grafados alguns pensamentos de Jesus Cristo e que depois vim a saber serem os do Sermão da Montanha... Junto a esse hino dos bem-aventurados, estava a participação de que alguns amigos do Senhor se reuniriam junto dos

velhos muros da Via Salária, naquela noite!... Retrōcedí para colher informes do mendigo, mas não o encontrei, nem pude jamais obter notícias dele. Aqueles ensinamentos do Profeta Galileu encheram-me o coração... Parece que somente nas grandes dores pode a alma humana sentir a grandeza das teorias do amor e da bondade... Voltei á casa sem cumprir os malsinados propósitos e considerando a inocencia de minha filha, cujos carinhos infantís me concitavam a viver, fui á assembléia cristã onde tive a felicidade de ouvir pregadores valorosos e abnegados, das verdades divinas. Lá se congregavam homens sofredores e humilhados, entre os quais alguns conhecidos meus, que as furias políticas haviam atirado ao sofrimento e ao ostracismo... Criaturas humildes ouviam a Boa-Nova, de mistura com elementos do patriciado, que as circuntancias da sorte haviam conduzido á adversidade... Para todos, a palavra de Jesus constituia um consolo suave e uma energia misteriosa... Em todos os semblantes, á claridade triste das tochas, surgia uma expressão de vida nova, que se comunicou ao meu espírito cansado e dolorido... Naquela noite regressei á casa como se houvera renascido para enfrentar a vida! No dia seguinte, porém, quando menos o esperava na quietação de minha alma, eis que um pelotão de soldados me cercava a residencia e conduzia-me ao carcere, sob a mais injusta acusação... É que, naquela noite, o inditoso Flávio Hylas fôra apunhalado em misteriosas circunstâncias. Diante do seu cadaver, minha propria mulher jurou fôra eu o assassino. **Arguida a calúnia, busquei interpôr minhas relações de amizade para recuperar a liberdade e poder cuidar da pobre filha recolhida, então, por mãos generosas e humildes do Esquilino;** mas os amigos responderam-me que só o dinheiro poderia movimentar, a meu favor os aparelhos judiciários do Império, e eu já não o possuia... Abandonado no cárcere, impossibilitado de justificar-me, visto haver comparecido á assembléia cristã naquela noite, preferí silenciar a comprometer os que me haviam proporcionado consolação ao espírito abatido... Espesinhado nos meus sentimentos mais sagrados...

dos, esperei as decisões da justiça imperial, tomado de indefinivel angústia. Afinal, dois centuriões foram notificar-me a sentença iniqua. As autoridades, considerando a extensão do crime, cassavam-me todos os títulos e prerrogativas do patriciado, condenando-me á morte, visto o questor assassinado ter sido homem da confiança de Cesar... Recebi a sentença quasi sem surpresa, embora desejasse viver para servir áquele Jesus, cujos ensinos grandiosos haviam sido a minha luz nas sombras espessas do cárcere e cumprir, igualmente, os deveres paternais para com a filhinha abandonada pela ternura materna... Esperei a morte com o pensamento em prece, mas, a esse tempo existia em Roma um homem justo, pouco mais moço que eu, cujo pai fôra camarada de infância do meu progenitor. Esse homem, conhecia o meu carater defeituoso, mas leal. Chamava-se Cnéio Lucius e foi pessoalmente a Trajano advogar a causa da minha liberdade. Afrontando as iras de Augusto, não trepidou em lhe solicitar clemencia para o meu caso e consegui que o Imperador comutasse a pena para o banimento da Corte, com a supressão de todas as regalias que o nome me outorgava...

Enquanto o ancião fazia uma pausa, a jóven começou a chorar, comovidamente, em face da alusão ao avô, cuja lembrança lhe enchia o íntimo de vivas saudades.

— Uma vez livre — prosseguiu o velho de Minturnes — aproximei-me de antigos companheiros que comigo haviam provado do mesmo cálice com as perseguições de ordem política e que já partilhassem da mesma fé em Jesus Cristo... Banidos de Roma e humilhados, dirigimo-nos á África, onde fundámos um pouso solitário, não longe de Alexandria, afim de cultivarmos o estudo dos textos sagrados e conservar, simultaneamente, os tesouros espirituais dos apóstolos.

Deixando a Capital do Império, confiei minha única filha a um casal amigo, cuja pobreza material não lhe deslustrava os sentimentos nobres. Provendo o futuro da filhinha com todos os recursos ao meu alcance, parti para o Egito cheio de novos ideais, á luz da nova

crença! Nas severas meditações e austeros exercícios espirituais a que me submetí, cheguei a olvidar as grandes lutas e penosas amarguras do meu destino!... O descanso da mente em Jesus aliviou-me de todos os pesares. O único élo que ainda me prendia á Peninsula era justamente a filha, então já moça, e cuja afetividade desejava transportar para junto de mim, na África longinqua... Depois de vinte anos no seio da nossa comunidade, em preces e meditações proveitosas, solicitei do nosso diretor espiritual a necessária permissão para recolher um familiar ao nosso retiro. Referi-me a um familiar, pois desejava convencer minha pobre Lésia de que deveria partir em minha companhia, em trajes masculinos, considerando o ensino de Jesus de que existem no mundo os que se fazem eunucos por amor a Deus... Os estatutos da comunidade não permitem mulheres junto de nós outros, por decisão de Aufidio Prisco, ali venerado como chefe, sob o nome de Epiphanio... Não era meu proposito menosprezar as leis da nossa ordem e sim arrebatar a filhinha ao ambiente de seduções desta época de decadencia em que as intenções mais sagradas são colhidas pelos lobos da vaidade e da ambição, que ululam no caminho... Desejaria conservá-la, junto de mim, no mais santo dos anônimos, até que conseguisse modificar as disposições de Epiphanio, acerca-dos regulamentos da nossa ordem, atentas as circunstâncias especiais da minha vida!...

Obtendo a necessária permissão para vir á Peninsula, aqui aportei ha quasi dois anos, experimentando a angústia de reencontrar minha Lésia nos derradeiros instantes de vida... Descrever-te meu sofrimento com a separação da filha querida, depois de ausente tantos anos e de haver acariciado tão grandes esperanças, é tarefa superior ás minhas fôrças... Acompanhei-lhe os despojos ao sepulcro, para onde mandei transportar pouco depois os dos carinhosos amigos que lhe haviam servido de pais, tambem vitimados pela peste, que, ha tempos flagelou toda a população de Minturnes!...

Ai de mim, que não mereci senão angústias e tormentos, nas estradas ásperas da existencia, em vista dos meus crimes inominaveis na juventude!...

Resta-me, contudo, a esperança no amor do Cordeiro de Deus, cuja misericórdia veiu a este mundo nos arrebatar da humilhação e do pecado... Avizinhando-me do túmulo, rogo ao Senhor que me não desampare... Além do sepulcro, sinto que esplende a luz dos seus ensinamentos, num Reino de paz misericordiosa e compassiva! Certamente, lá me esperam a filha idolatrada e os amigos inesquecíveis. A terra florescente da Campanha, pressinto-o, guardará em breve o meu corpo combalido; mas, alem das fôrças exhaustas da vida material, espero encontrar a verdade consoladora da nossa sobrevivencia! Receberei de boa vontade o julgamento mais severo, do meu passado delituoso, e, renunciando a todos os sentimentos pessoais, hei de aceitar plenamente os designios de Jesus na sua justiça equânime e misericordiosa!...

O ancião de Minturnes falava comovido, com o olhar lúcido, fixo no Alto, como se estivesse diante de um plenário celeste, com a serenidade da sua fé robusta e ardente.

Mas, chegando ao termo das confidências dolorosas, observou que Célia tinha os olhos raios de lágrimas, a ponto de não poder falar de pronto, tal a comoção que lhe estrangulava a voz no imo do peito dolorido.

— Por que choras minha filha — ajuntou com brandura — se a minha pobre história de velho não te pode interessar diretamente o coração?

A filha de Helvídio não respondeu, dominada pela emoção do momento, mas o ancião continuava, surpreendo e melancólico.

— Acaso terás também uma história amargurada quanto a minha? Apesar da fé ardente que pressinto em teu espírito, não se justifica tamanha sensibilidade espiritual na tua idade. Dize, filha, se tens o coração igualmente tocado por uma úlcera dolorosa... Se as dores te pesam na alma desiludida, recorda a palavra do Mestre quando exortava em Cafarnaum: — “Vinde a mim todos vós que trazeis no íntimo os tormentos do mundo e eu vos aliviarei!...” É verdade que não estás

á frente do Messias de Deus, mas, ainda aqui, devemos lembrar a lição de Jesus aceitando o carinho do Cirineu que o ajudou a carregar a cruz!... Ele que era a personificação de toda a energia do amor, não hesitou em aceitar o amparo de um filho humilde do infortunio... Também eu sou um mísero pecador, filho das provações mais ásperas e espinhosas; mas, se puderes, lê em meu coração e verás que no meu íntimo palpita, por tí, a afetividade de um pai. Tua presença desperta-me inexplicável e misteriosa simpatia... Confiei ao teu espírito o que daria somente á filhinha adorada, que me precedeu nas sombras do túmulo. Se te sentes sobrecarregada dos pesares do mundo, dize-me algo de tuas dores. Repartirás comigo os teus sofrimentos e a cruz das provas te parecerá mais leve!...

Ouvindo aquelas exortações carinhosas e espontâneas, que não mais escutara desde a morte do avô, cujo nome fôra ali pronunciado pelo ancião de Minturres como um ponto de referencia á sua confiança, Célia, depois de acomodar o pequenino adormecido, sentou-se ao lado do seu benfeitor com a intimidade de quem o conhecesse de muito tempo, e, com a voz entrecortada de reticências da sua emoção profunda, começou a falar:

— Se me tendes chamado filha, permitireis vos beije as mãos generosas, chamando-vos pai, pelas afinidades mais santas do coração.

Acabastes de invocar um nome que me obriga a chorar de emoção, no tumulto de recordações também amargas e dolorosas... Confiarei em vós, qual o fiz sempre no carinhoso avô, que relembrastes agradecido. Também eu venho de Roma pelos mesmos caminhos ásperos de amargor e sacrifício. Reconhecida á vossa confiança, revelarei igualmente o meu romance infeliz, quando a mocidade parecia sorrir-me em plena floraison primaveril. Abandonada e só, receberei, por certo, da vossa experiência nas estradas da vida o bom conselho que me habilite a fixar-me em qualquer parte, afim-de cumprir a missão de mãe, junto d'este pobre inocentinho! Desde Roma, venho experimentando a mais atroz necessidade de me comunicar com um coração afe-

tuoso e amigo, que me possa orientar e esclarecer. Nas minhas caminhadas encontrei por toda parte homens impiedosos, que me envolviam com olhares de corrupção e voluptuosidade... Alguns chegaram a insultar minha castidade, mas roguei insistenteamente a Jesus a oportunidade de encontrar um espírito benfazejo e cristão, que me fortalecesse!...

Sentindo-se tomada de inexplicável confiança, enquanto o velhinho de Minturnes a ouvia surpreso, embora a imensa serenidade que lhe transparecia do olhar, a filha de Helvídio Lucius começou a desfiar o seu romance, cheio de lances intensos e comovedores. Confessando-se neta do magnanimo Cnéio, o que sensibilizou profundamente o interlocutor, narrou-lhe todos os episódios da sua vida, desde as primeiras contrariedades de menina e moça, na Palestina, e terminando a longa narrativa com a visão do avô, na noite precedente, quando forçada a pernoitar na gruta de Tibério.

Ao concluir, tinha os olhos inchados de chorar, como alguém que muito se demorara em alijar do coração o peso da amargura.

O ancião alisava-lhe os cabelos, comovidamente, como se o fizesse á uma filha, após longa ausencia repleta de saudades augustiosas, exclamando por fim:

— Minha filha, propondo-me confortar-te, é o teu proprio coração de menina, nos mais belos exemplos de sacrifício e coragem que me consola!... Para mim, que, muitas vezes agasalhei o mal e extraviei-me no crime, os sofrimentos da Terra significam a justiça dos destinos humanos; mas para o teu espírito carinhoso e bom, as provações terrestres constituem um heroísmo do céu!... Deus te abençõe o coração fustigado pelas tempestades do mundo, antes das florações da primavera. Das alegrias do Reino de Jesus, Cnéio Lucius deverá regosijar-se no Senhor pelos teus heroicos feitos... Sinto que a sua alma, enobrecida na prática do bem e da virtude, segue-te os passos como sentinelas fidelíssima!...

Depois de longa pausa, em que Marinho pareceu meditar no futuro da graciosa companheira, disse paternalmente:

— Enquanto narravas teus padecimentos íntimos considerava eu a melhor maneira de ajudar-te neste meu ocaso da vida! Compreendo a tua situação de jóver abandonada e só, no mundo, com o pesado encargo de cuidar de uma criancinha acolhida em tão estranhas circunstâncias. Aconselhar que voltes ao lar, não posso fazê-lo, conhecendo a rigidez dos costumes em determinadas famílias do patriciado. Além disso, a casa paterna considera-te morta para sempre, e a palavra carinhosa de Cnéio Lucius só poderia ter valor inestimável para nós, que lhe compreendemos o alcance e a sublime revelação. Ante os seus conceitos, temos de admitir a plena inocência de tua mãe, mas, se regressares á Roma, a aparição desta noite não bastaria para elucidar todos os problemas da situação, mantendo-se as mesmas características de suspeição a teu respeito. E tu sabes que entre a dúvida e a verdade é sempre melhor o sacrifício, pois a verdade é de Jesus e vencerá tão logo a sua misericórdia julgue a vitória oportuna.

Velho conhecedor dos nossos tempos de decadência e desmantelos morais, sei que, ante a tua juventude, quasi todos os homens moços, cheios de materialidade, se curvarão com ignominiosas propostas. A destruição do meu lar será sempre um atestado vivo das misérias morais da nossa época.

Ponderando as tuas dificuldades, desejo salvar-te o coração de todos os perigos, evitando-te as ciladas dos caminhos insidiosos; entretanto, a enfermidade e a decrepitude não me possibilitam mais a tua defesa... Em Minturnes, quasi todos me odeiam gratuitamente, em virtude das idéias que professo. Um cristão sincero, por muito tempo ainda, terá de sofrer a incompreensão e a tortura dos algozes do mundo, e somente não me levam ao sacrifício, nas festas regionais que aqui se efetuam, atenta a minha velhice avançada e dolorosa, de rugas e cicatrizes... Apresentar um velho mísero ás feras potentes ou ao exercício dos atletas da devassidão e da impiedade, poderia parecer entranhada covardia, razão pela qual me julgo poupadão.

Não possuo, pois, nenhuma relação de amizade que te possa valer neste transe.

Lembra-te que, ainda agora, falei-te do meu antigo projeto de levar a filha ao Egito, em trajes masculinos, de modo a arrebata-la dêste antro de corrupção e impenitencia. Esse gesto de um pai é bem de um coração amoroso, em franco desespôro, quanto ao porvir espiritual desta região da iniquidade.

Contemplando a tua ínferme juventude carregada de tão nobres sacrifícios, receio pelos teus dias futuros, mas rogo a Jesus que nos esclareça o pensamento!

Após alguns minutos de recolhimento, a jóven retrucou:

— Mas, meu desvelado amigo, não me considerais como vossa propria filha?...

O ancião de Minturnes, no clarão sereno dos grandes olhos, deixou transparecer que entendera a alusão e revidou bondosamente:

— Compreendo, filha, o alcance de tuas palavras, mas, estarás sinceramente decidida a mais êsse nobre sacrifício?

— Como não, se em torno de mim surgem as mais temerosas perseguições?

— Sim, tuas ações nobilíssimas dão-me a entender que devo confiar nas tuas resoluções. Pois bem; se teu espírito se sente disposto á luta pelo Evangelho, não vacilemos em preparar-te as estradas porvindouras! Ficarás nesta casa pelo tempo que desejas, se bem esteja convicto de que não tardará muito a minha viagem para o alem. Amanhã mesmo entrarás nos teus novos trajes, afim-de facilitar a tua ida para a África, no momento oportuno. Serás *meu filho* aos olhos do mundo, para todos os efeitos. Chamarei amanhã á esta casa o pretor de Minturnes, afim-de que êle cuide da tua situação legal, caso eu venha a falecer. Tenho o dinheiro necessário para que te transportes a Alexandria e, antes de morrer, deixar-te-ei uma carta apresentando-te a Epiphanio, como meu sucessor legítimo na éde da nossa comunidade. Lá, tendo empregadas todas as derradeiras economias que consegui retirar de Roma

nos tempos idos, é possível que não te criem embraços para que te entregues á uma vida de repouso espiritual na prece e na meditação, durante os anos que quiseres.

Epiphanio é um espírito energico e algo dogmatico em suas concepções religiosas, mas tem sido meu amigo e meu irmão por largos anos, durante os quais as mesmas aspirações nos uniram nesta vida. Às vezes, costuma ser ríspido nas suas decisões, caracterizando tendências para o sacerdócio organizado, que o cristianismo deve evitar com todas as suas fôrças, para não prejudicar o messianismo dos apóstolos do Senhor; mas, se algum dia fôres ferida por suas austeras resoluções de chefe, lembra-te que a humildade é o melhor tesouro da alma, como chave-mestra de todas as virtudes e recorda a suprema lição de Jesus nos braços do madeiro!... Em todas as situações, a humildade pôde entrar como elemento básico de solução para todos os problemas!...

— Sim, meu amigo, sinto-me abandonada e só no mundo e temo o assédio dos homens pervertidos! Jesus me perdoará a decisão de adotar outros trajes aos olhos dos nossos irmãos da Terra, mas, na sua bondade infinita, sabe êle das necessidades prementes que me compelem a tomar essa insólita atitude. Além do mais, prometo, em nome de Deus, honrar a túnica que vestirei, possivelmente, em Alexandria, a serviço do Evangelho... Levarei comigo o filhinho que o Céu me concedeu, e suplicarei a Epiphanio me permita velar por êle sob o céu africano, com as bençãos de Jesus!

— Que o Mestre te abençõe os bons propósitos, filha!... — respondeu o ancião com uma expressão de júbilo sereno.

Ambos se sentiam dominados por intensa alegria íntima, como se fôssem duas almas profundamente irmãadas de outros tempos, num reencontro feliz, depois de prolongada ausência.

Mas, os galos de Minturnes saudavam os primeiros clarões da madrugada. Beijando as mãos do velho benfeitor, com os olhos raios de lágrimas, a jóven patrícia buscou, desta vez, o repouso noturno com a alma

satisfeita, sem as angustiosas preocupações do dia seguinte, e agradecendo a Jesus com a oração do seu amor e do seu reconhecimento.

No outro dia, a gente pobre daquele arrabalde de Minturnes ficou sabendo que um filho do ancião chegara de Roma para assistir-lhe os dias derradeiros.

Aproveitando os trajes antigos, que o seu benfeitor lhe apresentava para resolver a situação, Célia não hesitou em tomar a nova indumentária, por fugir á perseguição irreverente de quantos poderiam abusar da sua fragilidade feminina.

O velho Marinho apresentava-a aos raros vizinhos que se interessavam pela sua saúde, como sendo um filho muito caro, e explicando que êle enviuvara recentemente, trazendo o netinho para iluminar as sombras da sua desolada velhice.

A filha dos patrícios, travestida agora pela fôrça das circunstâncias num garboso rapaz imberbe, ocupava-se carinhosamente de todos os serviços domésticos, buscando servir ao ancião generoso com a mais desvelada solicitude.

Um fato, porém, veiu impressionar amargamente o coração sensível de Célia. Fôsse pelo trato deficiente que recebera até alí, ou pelas provações suportadas em tantas milhas de caminho, o pequenito começou a definhar, apresentando, em breve todos os sintomas de morte inevitável.

Debalde o ancião empregou todos os recursos ao seu alcance, para assegurar a vida bruxoleante do inocentinho.

Tocada nas fibras mais sensíveis do seu coração, em virtude das revelações do avô, quanto á personalidade de Ciro, a jóven sentiu no íntimo dorido a repercussão dilatada de todos os padecimentos físicos do pequenino. Desejava amparar-lhe a existência com todas as energias do seu espírito dilacerado, operar um milagre com todas as suas fôrças afetuosas para arrebatá-lo ás garras da morte, mas, em vão misturou lágrimas e preces nos seus arrebatamentos emotivos.

Em contemplando-lhe a agonia, a criança parecia

falar-lhe á alma carinhosa e sensivel, com o olhar cintilante e profundo, no qual predominavam as expressões de uma dor estranha e indefinivel.

Por fim, após uma noite de insonia dolorosa, Célia rogou a Jesus fizesse cessar, na sua misericordia, aquele quadro de intensa amargura. Cheia de fé, rogava ao Cordeiro de Deus que reconduzisse o seu bem-amado ao plano espiritual, se êsses eram os seus designios inexerutaveis. Ela que tanto o amava e tanto se havia sacrificado para conservar-lhe a luz da vida, estaria conformada com as decisões do Alto, como no dia em que o vira marchar para o sacrifício, exposta á perversidade dos homens impiedosos.

Como se fôra ouvida a sua rogativa dolorosa, cheia de lágrimas de fé e de esperança na bondade do Senhor, o inocentinho fechou os olhos da carne, para sempre, ao desabrochar da alvorada, como se o seu coração fôsse uma andorinha celeste que, receosa das invernias do mundo, remontasse célere ao paraíso.

Sobre o corpinho enrijecido, a filha de Helvídio carpiu a sua dor intraduzivel, com lágrimas ardentes, experimentando a amargura das suas esperanças desfeitas e dos seus sonhos maternos desmoronados...

Todavia, a palavra sábia e evangélica do ancião de Minturnes ali estava para reerguê-la de todos os abatimentos e, depois da hora angustiada da separação, ela buscou entronizar a saudade no santuário de suas preces humildes e fervorosas.

Sim, seu coração carinhoso sabia que Jesus não desampara, nunca, o espírito das ovelhas tresmelhadas nos abismos do mundo e, refugiando-se na oração, esperou que viessem do Alto todos os recursos espirituais necessários ao seu reconforto. Os vizinhos humildes impressionavam-se, sobremaneira, com aquele rapaz, de cujo semblante delicado irradiava-se uma terna simpatia, de mistura á tristeza inalteravel, que tocava a sua personalidade de singulares encantos.

Uma noite serena, quando a alma cariciosa da natureza se havia plenamente aquietado, Célia recolheu-se depois do serão habitual com o generoso velhinho, que

lhe era como um pai devotado pelo coração, sentindo que força estranha lhe adormentava o cérebro exhausto e dolorido.

Dentro em pouco, sem dar-se conta da surpresa e aturdimento, viu-se diante de Ciro, que lhe estendia as mãos carinhosas, com um olhar de súplica e reconhecimento intraduzivel.

— Célia — começou dizendo suavemente, enquanto ela se concentrava em doce emoção para ouvi-lo — não renegues o cálice das provações redentoras, quando as mais puras verdades nos felicitam o coração!... Depois de algum tempo na tua companhia, eis-me de novo aqui, onde devo haurir forças novas para recomeçar a luta!... Não entristeças com as circunstâncias penosas da nossa separação pelas sendas escuras do destino. És minha ancora de redenção, através de todos os caminhos! Jesus, na infinita extensão de sua misericórdia, permitiu que a tua alma, qual estréla do meu espírito, descesse das amplidões sublimes e radiosas para clarificar meus passos no mundo. Luz da abnegação e do martírio moral, que salva e regenera para sempre!... Se as mãos sábias e justas de Deus me fizeram regressar aos planos invisíveis, regosijemo-nos no Senhor, pois todos os sofrimentos são premissas de uma aventura excelsa e imortal! Não te entregues ao desalento, porque, antigamente, Célia, meu espírito se tingiu de luto quasi perene, no fausto de um tirano! Enquanto brilhavas no Alto como um astro de amor para o meu coração cruél, decretava eu a miséria e o assassinio! Abusando da autoridade e do poder, da cultura e da confiança alheias, não trepidei em destruir esperanças cariciosas, espalhando o crime, a ruina e a desolação em lares indefesos! Fui quasi um réprobo, se não contasse com o teu espírito de renúncia e dedicação ilimitadas! Ao passo que eu descia, degrau a degrau, a escada abominável do crime, no pretérito longinquo e doloroso, teu coração amoroso e leal rogava ao Senhor do Universo a possibilidade do sacrifício!... E, sem medir as trevas agressivas e pavorosas que me cercavam, desceste ao cárcere de minhas impenitências!... Espalhaste em torno da minha miséria

o aroma sublime da renúncia santificante e eu acordei para os caminhos da regeneração e da piedade! Tomaste-me das mãos, como se o fizesses á uma criança desventurada e ensinaste-me a erguê-las para o Alto, implorando a proteção e misericórdia divinas! Já de alguns séculos teu espírito me acompanha com as dedicações santificadas e supremas! É que as almas gemeas preferem chegar juntas ás regiões sublimes da Paz e da Sabedoria, e, dentro do teu amor desvelado e compassivo, não hesitaste em me estender as mãos dedicadas e generosas, como estréla que renunciasse ás belezas do céu para salvar um vérme atolado num pântano, em noite de trevas perenes. E acordei, Célia, para as belezas do amor e da luz, e, não contente ainda, por me despertares, vens-me auxiliando a resgatar todos os débitos onerosos... Teu espírito, carinhoso e impoluto, não vacilou em sustentar-me, através das estradas pedregosas e tristes que eu havia traçado com a minha ambição terrível e desvairada! Tens sido o ponto de referência para minha alma em todos os seus esforços de paz e regeneração, na reconquista das glórias espirituais. Ao teu influxo pude testemunhar minha fé, no circo do martírio, selando, pela primeira vez, minha convicção em prol da fraternidade e do amor universal! Por ti, destrero de mim o egoísmo e o orgulho, sustentando todas as batalhas íntimas, na certeza da vitória! Voltando ao mundo, fui novamente arrebatado dos teus braços materiais, em obediência ás provas ríspidas que ainda terei que sustentar por largo tempo! Jesus, porém, que nos abençoa do seu trono de luz e misericórdia, de perdão e bondade infinita, permitirá que esteja contigo nos teus testemunhos de fé e humildade, destinados á exaltação espiritual de todos os sérres bem amados, que gravitam na órbita dos nossos destinos! E se Deus abençoar minhas esperanças e minhas preces sinceras, voltei de novo para junto do teu coração, nas lutas ásperas!... Espera e confia sempre!... Na sua magnanimidade indefinivel, permite o Senhor possamos voltar dos caminhos almos do túmulo, para consolar os corações ligados ao nosso e ainda retidos nos tormentos da

carne... Sómente lá, nas moradas do Senhor, onde a ventura e a concordia se confundem, poderemos repousar no amor grande e santo, marchando de mãos dadas para os triunfos supremos, sem as inquietações e provas rudes do mundo!...

Por muito tempo a voz cariciosa de Ciro falou-lhe ao coração, propinando-lhe ao espírito sensível as mais santas consolações e as mais doces esperanças! No auge do seu deslumbramento espiritual, a jóven cristã experimentou as mais comovedoras alegrias, desejando que aquele minuto glorioso se prolongasse ao Infinito...

Quando a palavra do bem amado parecia finalizar cum um brando estacato, em vibrações silenciosas e profundas, Célia rogou-lhe que a acompanhasse em todos os seus lances terrestres, implorando-lhe assistencia e proteção em todas as circunstâncias da vida; confiou-lhe seus pesares mais secretos e angustiosas expectativas, quanto á nova situação, mas Ciro parecia sorrir-lhe bondosamente, prometendo-lhe carinho incessante, através de todos os percalços e reafirmando a sua confiança no amparo do Senhor, que não haveria de abandoná-los...

No dia seguinte, ei-la reanimada, deixando transparecer no semblante a serenidade íntima do seu espírito.

O velhinho notou, com alegria, aquela mudança e, como se estivesse em preparativos constantes para a jornada do túmulo, não perdeu o ensejo para esclarecer á jóven todos os problemas que a esperavam na vida solitaria de Alexandria. Com solicitude extrema, dava-lhe notícia de todos os pormenores da vida nova a encetar, fornecendo-lhe o nome de antigos companheiros de fé e dando conta de todos os costumes da comunidade.

Célia, em trajes masculinos, ouvia-lhe a palavra carinhosa e benevolente, com o desejo íntimo de prolongar indefinidamente aquela vida bruxoleante, de modo a nunca mais separar-se daquele coração bondoso e amigo; mas, ao revés de suas mais caras esperanças, o estado do ancião agravou-se repentinamente. Todos os esforços foram baldados para lhe restituir o tónus vital do plano físico e, assistido pela jóven, que tudo fazia por vê-lo restabelecido, o velho Marinho recebeu a visita do pretor da

cidade, que, cedendo a instantes pedidos, vinha receber-lhe as derradeiras recomendações.

Apresentando a jóven como filho, o moribundo ordenou que lhe fôssem entregues todas as suas parcias economias, antecipando que ele deveria partir para a África, tão logo se verificasse o seu óbito.

— Marinho — interpelou a autoridade, depois das necessárias anotações — será possível que este jóven participe das tuas superstições?

O generoso velhinho compreendeu o alcance da pergunta e respondeu com desassombro:

— De mim e por mim, não precisareis cogitar das convicções religiosas, aquí de todos conhecidas, desde que entrei nesta casa! Sou cristão e saberei morrer, integral na minha fé!... Quanto a meu filho, que deverá partir para Alexandria, afim-de amparar nosos interesses particulares, tem o espírito livre para escolher a idéia religiosa que mais lhe aprovou.

O pretor olhou com simpatia para o jóven triste e abatido, e exclamou:

— Ainda bem!...

Despedindo-se do moribundo, cujos instantes de vida pareciam prestes a extinguir-se, a autoridade deixava-os ambos com a precisa liberdade para trocarem as derradeiras impressões.

Marinho fez ver, então, á sua pupila, que aquela resposta habil destinava-se a fazer com que o pretor de Minturnes lhe cumprisse a vontade, sem relutancias, dentro dos dispositivos legais, recomendando-lhe todas as providências que a sua morte exigiria da sua inexperiencia. Célia ouvia-lhe as exortações roucas e entrecortadas, extremamente acabrunhada, mas, como em todas as penosas circunstâncias da sua vida, confiava em Jesus.

Após uma agonia excruciante de longas horas em que a filha de Helvídio viveu momentos de indescritivel emoção, o generoso Marinho abandonava o mundo, após uma existência longa, povoada de pesadelos terríveis e dolorosos. Seus olhos se fecharam para sempre, com uma lágrima, ao tombar do dia. Piedosamente, diante de alguns raros assistentes, Célia fechou-lhe as pálpebras, num

gesto carinhoso e, ajoelhando-se, como se quisesse transformar as brisas da tarde em mensageiras dos seus apelos ao céu, deixou que o coração se diluisse em lágrimas de saudade, suplicando a Jesus recebesse o benfeitor no seu reino de maravilhas, concedendo-lhe um recanto de paz onde a alma exausta lograsse esquecer as tormentas dolorosas da existência material.

Dada a sua qualidade de cristão confesso, o velho de Minturnes teve uma sepultura mais que singela, que a filha do patrício encheu com as flores do seu afeto e mergulhando na sombra de uma soledade quasi absoluta.

Dentro de poucos dias, o pretor entregou-lhe a pequena soma que Marinho lhe deixava, um pouco mais que o suficiente para a viagem em demanda da África distante. E, numa radiosa manhã de primavera, carregando no íntimo a sua serenidade triste e inalterável, a moça cristã, depois de uma prece longa e angustiosa sobre os túmulos humildes do pequenino e do ancião, na qual lhes rogava proteção e assistência, tomou o lugar que lhe competia numa galera napolitana que periodicamente recebia passageiros para o Oriente.

Sua figura triste, metida em roupas masculinas, atraía a atenção de quantos lhe faziam companhia eventual no grande cruzeiro pelo Mediterrâneo, mas, profundamente desencantada do mundo, a jóven se mantinha em silêncio quasi absoluto.

O desembarque em Alexandria verificou-se sem incidentes dignos de menção. Todavia, seguindo as recomendações do benfeitor junto dos seus conhecidos da cidade, viera a saber que o monastério demorava a algumas milhas de distância, pelo que houve de tomar um guia até o local do seu recolhimento.

O mosteiro, isolado, distava da cidade dez léguas mais ou menos, em marcha de quasi um dia, apesar dos bons cavalos atrelados ao veículo.

A filha de Helvídio defrontou o grande e silencioso edifício na hora crepuscular, empolgada pela visão do casario amplo, entre a vegetação agreste. Sentiu, porém, um singular descanso mental, naquela soledade impõnente que parecia acolher todos os corações desolados.

Puxando o cordél que ligava o portão de entrada, ouviu, ao longe, os sons de pesada sineta, cujo ruído estranho parecia despertar um gigante adormecido.

Daí a instantes, os velhos gonzos rangiam pesadamente, deixando entrever um homem trajado com uma túnica cinzento-escura, semblante grave e triste, que interpelava a jóven transformada num rapaz de fisionomia tristonha, nestes termos:

— Irmão, que desejais do nosso retiro de meditação e oração?

— Venho de Minturnes e trago uma carta de meu pai, destinada ao Senhor Aufídio Priseo.

— Aufídio Priseo? — perguntou o porteiro admirado.

— Não é ele, aqui o vosso superior?

— Referí-vos ao pai Epifânio?

— Isso mesmo.

— Escutai-me — ponderou o irmão porteiro, complacente — sois, porventura, o filho de Marinho, o companheiro que daqui partiu ha cerca de dois anos, afim-de vos trazer ao nosso recolhimento?

— É verdade. Meu pai chegou, ha muito tempo, aos portos da Itália, onde nos encontrámos; todavia, sempre doente, não logrou a ventura de acompanhar-me á sole-dade das vossas orações.

— Morreu? — revidou o interlocutor extremamente admirado.

— Sim, entregou a alma ao Senhor, ha muitos dias.

— Que Deus o tenha em sua santa guarda!

Dito isso, pôs-se a meditar um instante, como se tivesse o pensamento mergulhado em preces fervorosas.

Em seguida, contemplou com muita ternura o jóven humilde e triste, exclamando significativamente:

— Agora que já sei donde vindes e quem sois, eu vos saúdo em nome de Nossa Senhor Jesus Cristo!

— Que o Mestre seja louvado — respondeu a filha de Helvídio Lucius, com os seus modos singelos.

— Não haveis de reparar vos tenha recebido com prudencia, á primeira vista... Atravessamos uma fase de intensas e amarguradas perseguições, e os servos do

Senhor, no estudo do Evangelho, devem ser os primeiros a observar se os lobos chegam ao redil com vestes de cordeiro.

— Compreendo...

— Não desejo aborrecer-vos com indagações descabidas, mas, pretendéis adotar a vida monástica?

— Sim — respondeu a jóven timidamente — e assim procedendo, não só obedeço a uma vocação inata, como satisfaço uma das maiores aspirações paternas.

— Estais informado das exigencias desta casa?

— Sim, meu pai mas revelou antes de morrer.

O irmão porteiro deitou o olhar para todos os lados e observando que se encontravam a sós, exclamou em voz discreta:

— Se trazeis a esta casa uma vocação pura e sincera, acredito que não tereis dificuldade em observar as nossas disciplinas mais rígidas; contudo, devo esclarecer-vos que pai Epifânio, como diretor desta instituição, é o espírito mais ríspido e arbitrário que já conheci na minha vida. Este retiro de oração é fruto de uma experiência que ele começou com o vosso digno pai, há mais de vinte anos. A princípio, tudo ia bem, mas, nos últimos anos o velho Aufídio Prisco vem abusando largamente da sua autordiade, maximé, depois da partida do Irmão Marinho para a Itália. Daí para cá, pai Epifânio tornou-se despótico e quasi cruél. Aos poucos vai transformando este pouso do Senhor em caserna de disciplina militar, onde ele recebeu a educação dos primeiros anos.

A neta de Cnéio Lucius ouvia-o profundamente admirada.

Pela amostra da portaria, seu espírito observador compreendeu, de pronto, que o retiro dos filhos da oração estava igualmente assomado das intrigas mais penosas.

Todavia, enquanto coordenava as suas considerações íntimas, o Irmão Felipe continuava:

— Imaginai que o noso superior vem transformando a ordem de todos os ensinamentos, criando as mais incríveis extravagâncias religiosas. Em contraposição aos ensinamentos do Evangelho, obriga-nos a chamá-lo "pai" ou "mestre", nomes que o proprio Jesus negou-se a acei-

tar na sua missão divina. Além de inventar toda a sorte de trabalhos para os quarenta e dois homens desencantados do mundo, que estacionam aqui, vem aplicando as lições de Jesus á sua maneira. Se bem nada possamos revelar lá fóra, a bem do carater cristão da nossa comunidade, é lastimavel observar que todo o recinto está cheio de símbolos que nos recordam as festividades materiais dos deuses cruéis. E nada poderemos dizer em tom de crítica ou de censura, porquanto o pai Epifânio manda em nós como um rei.

A jóven ainda não conseguira manifestar a sua opinião, dada a fluênciā com que o porteiro discoria, quando lhes chegou o ruíde de uns passos fortes que se aproximavam. Filipe calava-se, como quem já estivesse habituado á cenas como aquelas, e modificando a expressão fisionómica, exclamou com voz abafada :

— É êle!...

Célia, metida nos seus trajes estranhos e pobres, não conseguiu dissimular o espanto.

No limiar de uma porta ampla, surgia a figura de um velho septuagenário, cujos caracteres fisionómicos apresentavam a mais profunda expressão de convencionalismo e orgulhosa severidade. Vestia-se como um sacerdote romano nos grandes dias dos templos politeistas e, apoiado a uma bengala expressiva, passeava por toda a parte o olhar fulgurante, como a procurar motivos de irritação e desagrado.

— Filipe! — exclamou êle em tom intempestivo.

— Mestre — exclamou o irmão da portaria, com a mais fingida humildade — apresento-vos o filho de Marinho, que o seu coração de pai não pôde acompanhar até aqui, dada a surpresa da morte, em Minturnes.

Ouvindo aquele esclarecimento inesperado, Epifânio caminhou para o jóven que lhe era inteiramente desconhecido, pronunciando quasi secamente a saudação evangélica, como se fôra um leão utilizando a legenda de um cordeiro :

— Paz em nome do Senhor!

Célia respondeu, conforme o seu venerando amigo lhe havia ensinado antes da morte, entregando ao supe-

rior da comunidade a carta paternal.

Depois de passar rapidamente os olhos pelo pergamino, Epifânio acentuou com austeridade:

— Marinho deve ter morrido com todo o seu idealismo de uma cigarra.

E como se houvera pronunciado aquele conceito tão sómente para si mesmo, acrescentou com a sua expressão severa, dirigindo-se á jóven:

— Desejas, de fato, permanecer aqui?

— Sim, meu pai — respondeu o suposto rapaz, entre tímido e respeitoso — continuar as tradições de meu pai foi sempre o meu desejo, desde a infancia.

Aquele tom humilde agradou a Epifânio que lhe obtemperou menos agressivo:

— Sabes, porém, que a nossa organização é constituída de cristãos convertidos, que possam cooperar em nossos esforços não somente com o valor espiritual, mas tambem com os recursos financeiros imprescindiveis ás nossas realizações? Teu pai não te deixou pecúlio algum, após haver baixado ao sepulcro em Minturnes?

— Minha herança cifrou-se, apenas ao capital indispensavel á viagem até Alexandria. Entretanto — acentuou inocentemente, — meu pai revelou-me, ha tempos, que a sua pequena fortuna foi empregada aqui, asseverando-me que a administração da casa saberia acolher-me, recordando os seus serviços.

— Ora — revidou Epifânio evidenciando contrariedade — fortuna por fortuna, todos os que descansam neste retiro, tiveram-na no mundo, trazendo os seus melhores valores para esta casa.

— Mas meu pai — implorou Célia com sincera humildade — se existem aqui os que descansam, devem existir igualmente os que trabalham. Se não tenho dinheiro, tenho forças para servir a instituição nalguma cousa. Não me negueis a realização de um ideal tanto tempo acariciado.

O superior parecia comovido, revidando com ênfase:

— Está bem. Farei por ti quanto estiver ao meu alcance.

E mandando Filipe ao interior, em busca de um grande livro de apontamentos, iniciou minucioso interrogatorio:

- Seu nome?
- O mesmo de meu pai.
- Onde nasceu?
- Em Roma.
- Onde recebeu o batismo?
- Em Minturnes.

E após as detalhadas inquirições, Epifânio falou lhe ríspido, investido na sua austera superioridade:

— Atendendo á tua vocação e á memória de um velho companheiro, ficarás conosco, laborando nos serviços da casa. Quero, contudo, esclarecer-te que, aqui dentro, faço cumprir rigorosamente o Evangelho do Senhor, de acordo com a minha vontade, inspirada do Alto. Depois de muitos anos de experiência, reconheci que o pensamento evangélico terá de organizar-se segundo as leis humanas, ou não poderá sobreviver para a mentalidade do futuro. Os cristãos de Roma, como os da Palestina, padecem de uma hipertrofia de liberdade que os leva, instintivamente, á disseminação de todos os absurdos. Aqui, todavia, a disciplina cristã haverá de caracterizar-se pela abdicação total da propria vontade.

A jóven escutou-o serenamente, guardando no íntimo as suas impressões particulares, de quanto lhe era dado observar, enquanto Epifânio a encaminhava ao interior, apresentando-a aos demais companheiros.

Transformada no Irmão Marinho, Célia passou a viver a sua vida nova, singular e desconhecida.

O mosteiro vasto onde se reuniam mais de quatro dezenas de cristãos ricos, desiludidos dos prazeres do mundo, era bem um dos pontos de partida do segundo século para o catolicismo e para o sacerdócio organizado sobre bases económicas, eliminatorias de todas as florações do messianismo.

Reparou que alí não mais havia a simplicidade das catacumbas. A simbologia pagã parecia invadir todos os departamentos da casa. Aqueles romanos convertidos não dispensavam as fórmulas de oração aos seus antigos

deuses. Por toda a parte pendiam cruzes grandes e pequenas, talhadas em mármore ou madeira, esculturadas em moldes diversos. Havia salas de preces em que repousavam imagens de Cristo, de marfim e de cera prateada, dormindo inértes entre verdadeiros tufos de rosas e violetas. O culto exterior do politeísmo parecia redivivo, indestrutível e inelutável. Para a sua manutenção, notava ela a mesma intriga dos padres flamíneos, de Roma, figurando-se-lhe que o Evangelho, ali, constituia mero pretexto para galvanizar as crenças mortas.

O espírito formalista de Epifânio buscara dotar o estabelecimento de todas as convenções imprescindíveis.

Um sino anunciava a mudança das meditações, a hora do trabalho, das preces, das refeições, e o tempo destinado ao repouso do espírito.

O sentido de espontaneidade, da lição do Senhor no Tiberiades, por conciliar a possibilidade e a necessidade dos crentes, havia desaparecido. A convenção implacável de Epifânio regulamentava todos os serviços.

O mais interessante é que, naqueles monastérios remotos da África e da Ásia, onde se acolhiam os cristãos receosos das perseguições inflexíveis da Metropole, já existiam as famosas horas do Capítulo, isto é, a reunião íntima de todos os membros da comunidade, para repasto das intrigas e dos pontos de vista individual.

Célia estranhou que dentro de um instituto cristão por excelencia, pudessem vigorar aberrações como essa, que vinha diretamente dos colégios romanos, onde pontificavam sacerdotes flamíneos ou vestais; mas era obrigada a aceitar as ordens superiores, sem deixar transparecer o seu desencanto. Condenando, embora, tais manifestações nocivas do culto exterior, a filha de Helvídio em breve conquistava a admiração e confiança de todos, pela retidão do proceder, a evidenciar os mais elevados atos de humildade e compreensão do Evangelho. De trato ameníssimo, com o amavio das suas palavras carinhosas e amigas, o Irmão Marinho transformava-se no íman de todas as atenções, edificando as afeições mais puras naquele convívio singular.

Contudo, alguém havia ali, que guardava o mais ve-

nenoso despeito em face da sua vida pura. Esse alguém era Epifânio, cujo espírito despótico e original se habituara a mandar em todos os corações, com brutalidade e aspereza. A circunstância de nada encontrar no filho do antigo companheiro, que merecesse censura, irritava-lhe o espírito titânico. Nas horas do Capítulo, observava que as opiniões do Irmão Marinho triunfavam sempre, pela sublime compreensão de fraternidade e de amor, de que davam pleno testemunho. A jóven, porém, não obstante estranhar-lhe as atitudes, não podia definir os gestos rudes do superior, dentro da sua candidez espiritual.

Certo dia, na hora consagrada ás intrigas e devassas, que antecederam, no catolicismo o instituto da confissão auricular, cheio de austeridade e artificialismo, Epifânio fez longa preleção sobre as tentações do mundo, dizendo dos seus caminhos abominaveis e das trevas que inundavam o coração de todos os pecadores, envolvendo todas as cousas da vida na sua condenação e na sua fúria religiosa.

Terminada a palestra fanática, solicitou, ao modo das primeiras assembléias cristãs, que todos os irmãos se pronunciassem sobre a preleção, mas, enquanto todos aprovavam os conceitos, irrestritamente, Célia, na sua inocente sinceridade, replicou:

— Mestre Epifânio, vossa palavra é extremamente respeitável para quantos laboram nesta casa, mas, peço licença para ponderar que Jesus não deseja a morte do pecador... Suponho justo que nos refugiemos neste retiro, até que passe a onda sanguinária das perseguições aos adéptos do Cordeiro; todavia, amainada a tempestade, acho imprescindível que regressemos ao mundo, mergulhando-nos em suas lutas dolorosas, porque, sem êsses campos de sofrimento e trabalho, não poderemos dar o testemunho da nossa fé e da nossa compreensão do amor de Jesus.

O diretor espiritual lançou-lhe um olhar sombrio, enquanto toda a assembléia parecia satisfeita com a oportunidade daquele esclarecimento.

— No proximo Capítulo prosseguiremos, então, com os mesmos estudos — disse Epifânio em tom quasi rude,

visivelmente contrariado com o argumento irretorquível, apresentado contra a sua inovação despótica, em detimento dos ensinamentos evangélicos.

No dia seguinte, o Irmão Marinho foi chamado ao gabinete do superior, que lhe dirigiu a palavra nestes termos:

— Marinho, nosso Irmão Dioclécio, provedor desta casa ha mais de dez anos, encontra-se alquebrado, doente, e eu preciso confiar esse encargo a alguem, cuja noção de responsabilidade me dispense de sindicâncias e cuidados especiais. Dessarte, de amanhã em diante ficarás com o encargo de ir ao mercado mais próximo, duas vezes por semana, de modo a cuidares convenientemente das pequenas provisões do mosteiro.

A joven acolheu a recomendação, agradecendo a confiança a ela deferida e, com semelhante providencia, a palavra de Epifânio nos dias do Capítulo, já não seria perturbada pelas suas observações simples e portadoras dos melhores esclarecimentos evangélicos.

O mercado distava três léguas do convento, por quanto estava situado numa grande povoação na estrada de Alexandria. Dêsse modo, em sua caminhada a pé, sobrancando dois cestos enormes, a filha de Helvídio era obrigada a pernoitar na única estalagem ali existente, visto ter de esperar a parte da manhã seguinte, quando o mercado exibia os seus produtos.

Aquelas jornadas semanais cansavam-na sobremaneira, a princípio, mas pouco a pouco foi-se habituando ao novo imperativo de suas obrigações. Aproveitando a solidão dos caminhos para os melhores exercícios espirituais, não só relia velhos pergaminhos contendo os princípios do Evangelho e as narrativas dos Apóstolos, como exercitava as mais sadias meditações, nas quais deixava o coração evolar-se em preces cariciosas ao Senhor.

No mosteiro todos os irmãos respeitavam-na. Por seus atos e palavras, ela centralizava os afetos gerais, que lhe encavam o espírito de consideração e de amor desvelado...

Três anos passaram, sem que um só dia dêsse prova de desânimo ou de revolta, de indecisão ou de amargura,

consolidando cada vez mais as suas tradições de virtude irrepreensível.

Na povoação mais próxima, igualmente, onde os serviços do mercado a convocavam no cumprimento do dever, todos lhe apreciavam os generosos dotes d' alma, mormente na hospedaria em que pernoitava duas vezes por semana.

Acontece, porém, que Menênio Túllio, o hospedeiro, tinha uma filha de nome Brunehilda, que sempre reparava os belos traços fisionómicos do Irmão Marinho, tomada de singulares impressões. Embalde se ataviava para lhe provocar a atenção sempre voltada para os assuntos espirituais, irritando-se, intimamente, com a sua afetuosa indiferença, sempre cordial e fraterna.

Longos meses transcorreram, sem que Brunehilda pudesse desvendar o mistério daquela alma esquiva, cheia de beleza e delicada masculinidade, aos seus olhos. enquanto o Irmão Marinho, dentro de suas elevadas disposições espirituais, nunca chegou a perceber a bastardia dos pensamentos e intenções da jóven, que, tantas vezes o cumulava de gentilezas cariciosas.

Foi então que Brunehilda, desenganada nos seus propositos inconfessaveis, passou a relacionar-se com um soldado romano, amigo de seu pai e da família, recém-chegando da Capital do Império e cheio de ousadias e atitudes insinuantes.

Em breve, a filha do estalajadeiro inclinava-se para o desfiladeiro da perdição, ao passo que o sedutor da sua alma inquieta e versátil ausentava-se propositalmente, regressando á Roma, depois de obter o consentimento dos superiores.

Abandonada á sua prova asperrima, Brunehilda procurou disfarçar os seus angustiosos pensamentos íntimos. Com a alma tomada de inquietações em face da severidade dos princípios familiares, desejava morrer de modo a eliminar todos os resquícios da falta e desaparecendo para sempre. Faltava-lhe, porém, o ânimo para realizar tão odioso crime.

Dia chegou, contudo, em que não mais pôde ocultar aos olhos paternos, a realidade.

Recolhendo-se ao leito na véspera de receber o fruto dos seus amores, foi obrigada a cientificar Menénio de quanto ocorria. Tomado de dor selvagem, o coração paterno obrigou a filha a confessar-se plenamente, afim-de poder vingar-se. Brunehilda, contudo, no instante de revelar o nome de quem a infelicitara, sentiu o pavor da situação, dizendo caluniosamente:

— Meu pai, perdoai-me a falta que vos deshonra o nome, respeitável e impoluto, mas quem me levou a transigir tão penosamente com os sagrados princípios familiares, que nos ensinastes, foi o Irmão Marinho com a sua delicadeza capciosa...

Menénio Túllio sentiu o coração abrir-se em chaga viva. Nunca poderia imaginar semelhante cousa. O Irmão Marinho consolidara no seu conceito as mais confortadoras esperanças, e êle confiava na sua conduta como confiaria no melhor dos amigos.

Mas, ante a evidencia dos fatos, exclamou em voz ríspida:

— Pois bem, minha casa não ficará com essa mancha indelével. Tua prevaricação não deshonrará o nome de minha família, porque ninguem saberá que acedeste aos propósitos criminosos do infame! Eu proprio levarei a criança a Epifânio, afim-de que os seus sequazes considerem a enormidade dêsse crime! Se tanto for necessácia, não desdenharei empunhar a espada em defesa do círculo sagrado da família, mas preferirei humilhá-los, devolvendo ao sedutor o fruto da sua covardia!...

Com efeito, dissimulando a dor imensa do seu coração e do seu lar, Menénio Túllio, no dia seguinte, ao alvorecer, marchou para o mosteiro levando consigo um pequeno cesto, de que um mísero pequenino era o singular conteúdo.

Chamado á portaria pelo Irmão Filipe, quando o sól ia alto, afim-de atender á insistencia do visitante, o superior da comunidade ouviu os improperios de Menénio, com o coração gelado de rancor. Cientificado de todas as confissões de Brunehilda, em relação a Marinho, mestre Epifânio mandou chamá-lo á sua presença, com a brutalidade dos seus gestos selvagens.

— Irmão Marinho — exclamou o superior para a filha de Helvídio que o escutava, amargurada e surpreendida — então é assim que demonstras gratidão á esta casa? Onde se encontram as tuas avançadas concepções do Evangelho, que não te impediram de praticar tão nefando delito? Recebendo-te no mosteiro e confiando-te uma missão de trabalho neste retiro do Senhor, depositei nos teus esforços uma sagrada confiança de pai. Entretanto, não hesitaste em lançar o nosso nome ao escândalo, enxovalhando uma instituição que nos é sumamente venerável ao espírito!

Observando a miserável criança, junto do estalajadeiro, que lhe não correspondera á saudação, a jóven interrogou, enquanto Epifânio fazia uma pausa.

— Mas, de que me acusam?

— Ainda o perguntas? — revidou Menênio Tullio, de faces congestas — minha desventurada filha revelou-me a tua ação torpe, não vacilando em levar ao meu lar honesto a lama da tua concupiscencia. Está, enganado se supões que minha casa vá acolher o fruto criminoso das tuas desregradas paixões, porque esta miserável criança ficará nesta casa, afim-de que o pai, infame, resolva o seu destino.

Depois de pronunciar estas palavras acrescidas de impropérios ao suposto conquistador da filha, o estalajadeiro retirou-se, ante o pasmo de Célia e de Epifânio, deixando ali a criança misera, em completo abandono.

A jóven compreendeu, num relance, que o mundo espiritual exigia um novo testemunho da sua fé e, enquanto caminhava, quasi serenamente para tomar nos braços o inocentinho, o superior da comunidade o advertia colérico:

— Irmão Marinho, esta casa de Deus não pode tolerar por mais tempo a tua escandalosa presença. Explica-te! Confessa as tuas faltas, afim-de que a minha autoridade possa cuidar das providencias oportunas e necessárias!...

Célia, em poucos instantes mergulhou o pensamento dolorido nas meditações indispensaveis, e valendo-se da mesma fé intangivel e cristiana que lhe havia orien-

gado todos os penosos sacrifícios do destino, exclamou com humildade:

— Pai Epifânio, quem comete um ato dessa natureza é indigno do hábito que nos deve aproximar do Cordeiro de Deus! Estou pronto, pois, a aceitar com resignação as penas que a vossa autoridade me impusér!...

— Pois bem — replicou o superior na sua orgulhosa severidade — deves sair imediatamente do mosteiro, levando contigo essa criança miserável!...

Nesse instante, porém, quasi todos os religiosos se haviam aproximado, observando a relevância da cena. Custava-lhes crer na culpabilidade do Irmão Marinho, que ali se encontrava humilde, evidenciando a mais consoladora serenidade no brilho calmo dos olhos húmidos.

E, sentindo que todos os companheiros eram simpáticos á sua causa, a filha de Helvídio com uma inflexão de voz inesquecível, ajoelhou-se diante de Epifâno e pediu:

— Meu pai, não me expulseis desta comunidade para sempre!... Não conheço as regiões que nos rodeiam! Sou ignorante e encontro-me doente! Não me desampareis, considerando a palavra do Divino Mestre, que se afirmava como o recurso de todos os enfermos e desvalidos dêste mundo! Se tenho a alma indigna de permanecer neste retiro de Jesus, dai-me a permissão de habitar o casebre abandonado ao pé do horto. Eu vos prometo trabalhar de manhã á noite, no amanho da terra, afim-de esquecer os meus desvios... Pai Epifânio, se não me concederdes essa graça, por mim, concedei-a por este pequenino abandonado, para quem viverei com todas as fôrças do meu coração!...

Chorava copiosamente ao fazer a dolorosa rogativa. No íntimo, o orgulhoso Aufidio Prisco, que desejava aplicar o Evangelho á sua maneira, quis negar, mas, num relance, notou que todos os companheiros da comunidade estavam comovidos e apiedados.

— Não resolverei por mim — clamou exasperado — todos os membros do mosteiro deverão considerar estranha e descabida a tua solicitação.

Todavia, consultados os companheiros, para quem a

jóven caluniada erguia os olhos súplices, houve um movimento geral favorável á filha de Helvídio. Epifânio não conseguiu a desejada recusa e, endereçando aos seus benfeiteiros um carinhoso olhar de agradecimento, o Irmão Marinho abandonou o recinto, erguendo corajosamente a criancinha nos braços e retirando-se para a choupana abandonada, ao pé do imenso horto do mosteiro.

Dessa vez, Célia não se entregou á peregrinação por caminhos ásperos, mas só Deus poderia testificar dos seus imensuraveis sacrifícios. Com inauditas dificuldades, buscou adaptar-se, com o pequenino, á sua nova vida, á custa dos mais ingentes trabalhos, na sua soledade dolorosa, á cujas angústias alguns irmãos do mosteiro estendiam mãos carinhosas.

Lembrando-se de Ciro, cercava o pequenito de todos os cuidados, esperando que Jesus lhe concedesse fôrças para o integral cumprimento de suas provações.

Durante o dia, trabalhava exhaustivamente no cultivo de hortaliças, aproveitando os crepúsculos para as meditações e os estudos, que pareciam povoados de sêres e de vozes carinhosas do Invisivel.

Dia houve em que uma pobre mulher do povo passava pelo sítio, a pé, com um filhinho quasi agonizante, buscando as estradas de Alexandria á cata de recursos. Era de tarde. Batendo á porta humilde do Irmão Marinho, este levantou-lhe as fibras dalma abatida, convidando-a ás preciosos meditações do Evangelho. Solicitado com insistencia pela humilde criatura para impôr as mãos, qual faziam os apóstolos de Jesus, sobre o doentinho, tal o ambiente de confiança e de amor que sabia criar com as suas palavras, Célia, entregando-se a êsse ato de fé, pela primeira vez, teve a ventura de observar que o pequeno agonizante recuperava o alento e a saúde, num sorriso. Então, a mulher do povo prosternou-se ali mesmo, rendendo graças ao Senhor e misturando as suas lágrimas com as do Irmão Marinho, que também chorava de comoção e agradecimento.

Desde êsse dia, nunca mais a casinhola do horto deixou de receber os pobres e aflitos de todas as categorias sociais, que lá iam rogar as bençãos de Jesus, através

daquela alma pura e simples, santificada pelos mais acerbos sofrimentos.

## V

## O CAMINHO EXPIATÓRIO

Enquanto Célia cumpre a sua missão de caridade á luz do Evangelho, voltemos á Roma, onde vamos encontrar os nossos antigos personagens.

Dez anos haviam corrido na esteira infinita do tempo, desde que Helvídio Lucius e familia haviam experimentado as mais singulares viravoltas do destino.

Apesar-de dissimularem as amarguras no meio social em que se agitavam, Fábio Cornélio e família sentiam o coração inquieto e angustiado, desde o dia infaus- to em que a filha mais moça de Alba Lucínia se ausentara para sempre, pelas injunções dolorosas do seu desditsoso destino. Na intimidade comentava-se, ás vezes, o que teria sido feito daquela que Roma relembrava tão sómente como se fôra uma querida morta da família. A espôsa de Hilvídio, essa, remoía os mais tristes padecimentos morais, desde a manhã fatal em que fôra científica dos fatos ocorridos com a filhinha.

Nos seus traços fisionómicos, Alba Lucínia não apresentava mais a jovialidade franca e a espontaneidade de sentimentos que sempre deixara transparecer nos dias felizes, em que o seu semblante parecia prolongar, indefinidamente, as linhas graciosas da primeira mocidade. Os tormentos íntimos vincevam-lhe as faces numa expressão de angústia recalcada. Nos olhos tristes parecia vagar um fantasma de desconfiança, que a perseguia por toda a parte. Os primeiros cabelos brancos, filhos do seu espírito atormentado, figuravam-lhe na fronte como dolorosa moldura da sua virtude sofredora e desolada. Nunca pudera esquecer a filha idolatrada, que surgia no quadro de sua imaginação afetuosa, errante e aflita sob os signos tenebrosos da maldição doméstica. Por muito que a encorajasse a palavra amiga e carinhosa do es-